



NOS CORPOS, SENTIMENTOS E SENSações: OBSERVAÇÕES DE CAMPO A PARTIR DE DURKHEIM

Maria Inês Rauter Mancuso

Universidade Federal de São Carlos-UFSCar- Depto de Sociologia

Inesmancuso.ds@gmail.com

A proposta para este estudo é refletir sobre as possibilidades que a obra de Durkheim traz para se pensar na relação indivíduo e sociedade e, nessa relação, sobre a construção social dos sentimentos e sua relação com o corpo. Essas reflexões, e sua utilidade para a pesquisa, aconteceram ao se estudar, em 1997, em cidades na região central do Estado de São Paulo/ Brasil, como a cidade é representada na memória de velhos moradores. Nas narrativas evidenciam-se, além das emoções das perdas em um corpo que se fragiliza, que as cidades, elas mesmas, se individualizam pelas sensações que produziram nesses mesmos corpos, sensações que entram pelos cinco sentidos.

O conceito de fato social desenvolvido por Durkheim, como objeto da Sociologia, é constituído de duas dimensões básicas. *Fato*, particípio passado do verbo *fare*, fazer (*faire*, em francês, com *fait* como particípio passado), leva a que se discutam, de um lado, algo que foi feito (produzido) e, de outro, pelo qualificativo *social*, o processo de fazer (produzir). Encontrar o *como* é a tarefa que se impõe quando se pretende explicar o fato social. Se fato social é o objeto da Sociologia, são seus objetos, de um lado, o resultado de um processo e, de outro, o próprio processo. Os fatos sociais são produzidos nas relações sociais. Assim são os homens/ mulheres em relação que criam as categorias, representações essencialmente coletivas que traduzem estados da coletividade e dependem de como esta é organizada e constituída. São os homens em relação — o meio propriamente humano, constitutivo do meio social interno — que constituem o fator ativo a determinar as transformações sociais e que produzirão as categorias, as representações, maneiras de ser, pensar e sentir. Em *O Suicídio*, Durkheim se dedica, de maneira exemplar, à produção de correntes sociais, tipo de fato



2

social que diferentemente de outro tipo, se apreende pelas estatísticas, a partir da regularidade e variabilidade. Neste estudo, as relações sociais nomeadas de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica são ditas altruístas, egoístas e anômicas, conferindo forma renovada de se pensar nas relações entre indivíduo e sociedade, preocupação nos estudos de Durkheim:

Não negamos [...] a importância do fator individual: isso se explica, do nosso ponto de vista, tão facilmente quanto o fator contrário. Se o elemento essencial da personalidade é o que existe de social em nós, por outro lado, só pode haver vida social se indivíduos distintos estiverem associados. E ela será tanto mais rica quanto mais numerosos e diferentes forem uns dos outros. O fator social é pois condição do fator impessoal. A recíproca não é menos verdadeira, pois a própria sociedade é uma fonte importante de diferenciações individuais (Durkheim, 1989, p.333).

Nas relações egoístas, o vínculo que prende homens e mulheres à sociedade se distende, e produz excesso de individualismo; nas altruístas, se está por demais integrado à sociedade e nega-se a condição individual; nas anômicas também está afrouxada a relação com a sociedade, mas de maneira distinta da egoísta: naquela está desregrada a atividade humana, deixando sem freio as paixões individuais.

Os trabalhos de Elias, na Inglaterra, e de António Cândido e de Maria Isaura Pereira de Queiroz, no Brasil, são exemplares do ponto de vista de tratar em especial a anomia (e o seu avesso, a coesão alta, o altruísmo) enquanto relações sociais. Todos os trabalhos foram realizados na década de 60 do século XX.

Elias se dedica ao estudo das relações entre três bairros em uma cidadezinha industrial da Inglaterra. Suas perguntas se dirigem ao processo pelo qual um grupo constrói e mantém entre seus membros a crença de que são melhores do que os outros e que os outros se sintam inferiores, carentes de virtudes. Busca, então, para responder a essas perguntas, uma sociodinâmica da estigmatização – que pressupõe relações entre um grupo altamente coeso e outro, fracamente, caracterizado como anômico – parte constitutiva de uma teoria da figuração.

António Cândido se dedica a discutir as relações entre um bairro rural, agrupamento caracterizado por relações comunitárias e por um sentimento de pertença entre seus membros, e o seu meio social em franco processo de desenvolvimento capitalista. Parte do princípio de que os seres humanos precisam de uma organização



3

para a obtenção do necessário à sobrevivência, e constrói os conceitos de mínimos vitais e mínimos sociais, abaixo dos quais se viveriam a fome e a anomia.

Maria Isaura P. de Queiroz trabalha com a relação entre bairros rurais e a cidade, demonstrando que é a partir dessa relação que se pode entender as transformações no bairro. O caso dos bairros rurais do Sertão de Itapeçerica, próximo à capital do estado de São Paulo, região que apresentou elevado grau de desenvolvimento industrial durante e após a segunda guerra mundial, demonstra como um bairro rural pode desaparecer: pela anomia ou pela subordinação total à cidade. No primeiro caso,

o resultado da decadência pode ser o ingresso do sitiante em um outro regime de trabalho e de reunião (num trabalho cuja organização lhe escapa, como é o caso do assalariado que trabalha em sítio de fim de semana) ou um isolamento e uma miséria cada vez maiores das famílias que não são mais solicitadas por nenhum interesse à participação nas atividades coletivas (é o caso dos carvoeiros no meio da floresta).” (1967, p. 168)

O trabalho de Durkheim sobre o suicídio é uma peça de rara beleza sobre o sofrimento. Ele pode ser lido, às avessas, como uma discussão sobre a felicidade, ou de como esta depende, como o sofrimento, do ponto em que nos encontramos no cruzamento de correntes egoístas, altruístas e anômicas. Isto é, de como ela depende das relações sociais. As forças sociais ou correntes de opinião que dariam diferentes formas a essa relação, chamadas por Durkheim de egoísmo, altruísmo e anomia, estariam presentes em toda sociedade.

Não há ideal moral que não alie, em proporções que variam consoante as sociedades, o egoísmo, o altruísmo e uma certa anomia. Porque a vida social pressupõe simultaneamente que o indivíduo tenha uma certa personalidade de que estará pronto a abdicar se a comunidade assim o exigir e que seja de certa forma receptivo às idéias de progresso [...] Quando essas três correntes se compensam mutuamente, o agente moral encontra-se num estado de equilíbrio que o preserva de qualquer idéia de suicídio. Mas, se uma delas ultrapassar um certo grau de intensidade em prejuízo das outras, tornar-se-á, ao individualizar-se e pelas razões expostas, suicidogêneas. (1973, p. 378)

O equilíbrio precário entre elas pode ser rompido: a hegemonia do egoísmo produziria a tendência para a melancolia langorosa, para o desgosto de uma existência que parece sem sentido (posto que o homem, em sendo um duplo, só pode se realizar e encontrar sentido na sociedade); a do altruísmo, o renunciamento ativo, o desprezo pela própria existência ou pela existência do outro, o pouco caso pela dor humana inclusive



4

pela própria; a da anomia, a lassidão exasperada que se pode voltar contra si mesmo ou contra o outro produzindo crimes de sangue.

Nas relações mais individualistas, o ser humano duvida. Na medida em que se sente menos solidário do grupo a que pertence, torna-se um mistério para si próprio, “não conseguindo assim escapar à irritante e angustiante pergunta: para quê?” (1973, p. 238). Pelas palavras de Durkheim,

Só a sociedade é capaz de elaborar um juízo global sobre o que vale a vida humana [...] a sociedade pode generalizar, sem sofisma, o sentimento que tem acerca dela própria, do seu estado de saúde ou de doença [...] o seu sofrimento torna-se necessariamente o sofrimento destes. [...] Assim se constituem correntes de depressão e de desilusão que não emanam de nenhum indivíduo em particular mas que exprimem o estado de desagregação em que se encontra a sociedade. Traduzem o relaxamento dos laços sociais, uma espécie de astenia coletiva, de mal-estar social tal como a tristeza individual crônica traduz á sua maneira o mau estado orgânico do indivíduo (1973, p.240)

Quando se dedica ao suicídio egoísta, pergunta-se: “não provirão estes suicídios simplesmente pelo fato do homem achar a vida triste?” (1973, p.253). Responde: é claro que quando alguém se suicida “ não revela grande interesse pela existência da qual faz um idéia mais ou menos melancólica. Mas todos os suicídios se assemelham neste aspecto.” Pondera, porém, recuperando a distinção entre o egoísta e o altruísta, especificamente o religioso:

Seria no entanto um grave erro não estabelecer nenhuma distinção entre eles; porque esta idéia nem sempre tem a mesma causa e, por conseguinte, apesar das aparências, não é a mesma nos diferentes casos. Enquanto o egoísta é um triste porque não vê nada de real no mundo, além do indivíduo, a tristeza do altruísta descomedido provém, pelo contrário, do fato do indivíduo lhe parecer desprovido de qualquer realidade. [...] Assim, vamos encontrar nos efeitos a diferença das causas e a melancolia dum é de uma natureza muito diferente da melancolia do outro. A do primeiro, constituída por um sentimento de fastio incurável e de melancólico abatimento, exprime um desmoronamento completo da atividade que, não podendo ser empregada utilmente, desaba sobre si mesmo. A do segundo pelo contrário, é feita de esperança. (p.254)

Na anomia, “a nossa sensibilidade é um abismo sem fim que nada pode saciar” (p.284). Nessa situação:

Por todo o lado, nascem cobiças embora sem um móvil preciso. Nada faria com que se acalmassem, dado que o objetivo que tendem está muito mais para além de tudo aquilo que podem atingir. A realidade parece não ter valor ao lado daquilo que enxergam as imaginações febris e que consideram possível atingir[...] Está-se ansioso por coisas novas, por prazeres ignorados, por sensações desconhecidas, mas que perdem todo o sabor



quando se tornam conhecidas. Por conseguinte, a mínima contrariedade deixa-nos sem força para a suportar. Uma vez passada a febre, apercebemo-nos de quanto esta agitação era estéril e que todas essas novas sensações, indefinidamente acumuladas, não conseguiram constituir um sólido capital de felicidade que nos ajudasse a viver durante os dias difíceis.[...] o homem que viveu sempre de olhos postos (no futuro), não encontra nada no passado que o console dos sofrimentos do tempo presente; porque o passado não foi para ele senão uma série de etapas percorridas impacientemente. [...] Mas eis que tem que parar; a partir desse instante, já não tem nada, nem atrás, nem na frente, em que repouse o olhar. Aliás, a fadiga basta, por si só, para provocar a desilusão, porque, ao fim e ao cabo, é difícil não deixar de sentir a inutilidade de uma procura sem fim. (p.296)

Assim, na explicação de um fato social, realizam-se as lições sobre como explicar: associa-se um fato social que se quer estudar (o suicídio) a outros fatos sociais (as emoções, os sentimentos) que também possuem a força de diferenciar, de individualizar o primeiro, dado que ocorre no corpo. Depois, associam-se os dois tipos de fatos ao meio social (as relações sociais) do qual os dois se originam.

Em *As formas elementares da vida religiosa*, ao discutir a noção de alma, a forma popular da idéia de personalidade, e, por esse caminho, discutir a noção de pessoa, afirma que essa é o produto de dois fatores. Um, essencialmente impessoal, faz parte do patrimônio coletivo (a sociedade em nós). É preciso, porém, que haja um fator de individualização, que fragmente esse princípio e que o diferencie, criando assim personalidades distintas. Continua:

É o corpo que desempenha esse papel. Como os corpos são distintos uns dos outros, como ocupam pontos diferentes no tempo e no espaço, cada um deles constitui um meio especial onde as representações coletivas vêm se retratar e se colorir diferentemente. Resulta daí que, se todas as consciências engajadas nesses corpos estão voltadas para o mesmo mundo, isto é, o mundo de idéias e sentimentos que constituem a unidade moral do grupo, nem todas o vêem pelo mesmo ângulo; cada uma o exprime à sua maneira. (1989, p.331)

Os pontos diferentes no tempo e no espaço são definidos socialmente, e tais definições qualificam e dão conteúdo aos corpos, a tudo que entra pelos sentidos: cheiros, sons, imagens. Os corpos, assim, qualificam-se socialmente, na medida em que as sensações não são meramente físicas mas são carregadas de significados sociais, e na medida em que os pontos diferentes no tempo e no espaço por eles ocupados são definidos socialmente.



6

Justapondo um e outro texto, é no corpo se entrecruzam correntes egoístas, altruístas e anômicos. É nele que se instalam o sofrimento, o prazer e a dor. É a ele que se renuncia quando se quer libertar dessa dor e desse sofrimento. É nele que apreciamos cotidianamente o passar do tempo; é ele que traz para cada um de nós o sentimento de nossa própria finitude. Elias afirma que a dificuldade em enfrentar a morte, de incorporar o sentimento de finitude à vida, pode determinar a solidão dos moribundos e dos velhos que carregam em seu corpo a expressão visível dessa proximidade com a morte (1989).

Para Mauss (1974), “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O [...] primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo.” (p.217) Essa percepção do corpo justifica o estudo sobre as técnicas corporais: “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de seus corpos” (p.211). Técnica é “um ato tradicional eficaz [...] Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (p.217). Assim como os homens aprendem a usar o seu corpo — técnicas da respiração, da marcha, da maneira de se manter em pé, de reprodução, do consumo, de natação, do sono, todas técnicas provenientes da sociedade — a percepção do mundo, pelos sentidos, é um processo social e, desta forma, o homem se apropria do mundo e o seu corpo se transforma no lugar onde muitos outros lugares, relações e tempos se encontram.

Para Pollack (1992), o sentimento de ter fronteiras físicas, isto é, um corpo, e limites temporais, saber-se finito e ter uma história, é essencial na construção da identidade pessoal.

O corpo é um lugar: identitário, como afirma Pollack, e relacional. Por ele, relacionamo-nos reciprocamente. Por ele, ouvimos os sons da cidade, sentimos os seus cheiros, os seus sabores, vemos as suas ruas, os seus monumentos, as suas pessoas, e nele, por representações e procedimentos aprendidos socialmente, conferimos significado aos sons, aos cheiros, aos sabores, às imagens, às sensações táteis. E tudo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

7

isto, porque são representações, nos suscitam outras representações afetivas, intelectuais ou valorativas.

A pesquisa a partir da qual foram feitas essas reflexões teóricas teve como objetivo buscar como a cidade é representada na memória de velhos moradores. Trabalhou-se em cidades localizadas em regiões centrais do Estado de São Paulo, em especial com São Carlos e Itirapina. Essas regiões se inseriram no processo de desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo, de maneira mais intensa, com o café, a partir do século XIX. No início do século XX, as terras mais a oeste no Estado eram conhecidas, nos atlas escolares, como “terras desconhecidas habitadas por indígenas”. As pessoas que nasceram, portanto, nas primeiras décadas do século XX, cresceram em um mundo rural e ficaram adultos e morreram em um mundo urbano. Foram migrantes sem terem saído do lugar.

A associação café, ferrovia e migração vai dar nova feição ao estado: às fazendas, às cidades, à capital, vale dizer, às relações sociais. Nessa associação, o café se transforma em uma “aventura capitalista” (SAIA, 1995, p.212).

“Para cima da estação, do lado, para baixo era só café”, diz Dona Magdalena, uma das pessoas entrevistadas. Não só. Ao longo das ferrovias, vilas e cidades surgiam ou se desenvolviam, tendo a estação ferroviária como referência para o traçado. Em 1930, das aproximadamente 300 cidades do Estado de São Paulo, apenas 29 não tinham surgido a partir da associação café — ferrovia (SAIA, 1995, p.209). Nas lembranças de meu pai, assim como nas de outros entrevistados, em especial de Itirapina e ferroviários, estava o período em que a Paulista estendeu seus trilhos para além de Bauru, dando, às estações e cidades que iam sendo criadas, nomes com algum significado, seguindo as letras do alfabeto: Alba Longa, estrada romana; América; Brasília; Cabrália, em homenagem a Cabral; Duartina, em homenagem à colônia portuguesa que tinha muitos Duartes; Esmeralda, para lembrar os bandeirantes e os motivos que os levaram ao interior do Brasil; Fernão Dias; Garça, ave brasileira; Gália, em homenagem à França; Herculanía, vila soterrada pelo Vesúvio; Iacri; Jafa, porto de Israel; Kentuckia (hoje Vera Cruz), estado norte-americano; Lácio, onde viviam os latinos; Marília, a amada de



8

Antonio Dirceu; Nipoã, homenagem à colônia japonesa; Ormuz, antiga cidade da Pérsia; Pompéia, soterrada pelo Vesúvio; Quintana; Santa Maria, nome de uma das caravelas; Tupã. Daí por diante, meu pai já não se lembrava dos nomes. Quanto ao significado dos nomes, sobressai a alusão à descoberta do Brasil, desde sua origem até a feita pelos desbravadores — bandeirantes e migrantes, que ajudaram a construir a terra.

A associação café — ferrovia determinou a distribuição demográfica e a localização dos núcleos urbanos e a forma das cidades. O fazendeiro, no planalto, por medo das geadas e da doença dos alagadiços — a maleita — buscava o alto dos espigões para o plantio do café. As pessoas também fugiam da maleita. As cidades, conseqüentemente, também se aninharam nos espigões e repetiam um desenho, o reticulado hipodâmico, que prevaleceu durante todo o ciclo: esse reticulado, o tabuleiro de xadrez, resultava de os lotes serem definidos por acidentes naturais ou outro tipo de referência, como a estação ferroviária.. “Uma cidade paulista típica do café é, por isso, uma colcha de retalhos, cada loteamento desconhecendo o vizinho [...] Desde a própria cidade de São Paulo até a última cidade cafezista do interior este fato se repete com monotonia” (SAIA, 1995, p.202).

As casas das cidades e das fazendas começaram a ostentar os novos materiais possíveis de serem importados pela ferrovia e que expressavam estilo e valores europeus, assumidos como referência: o vidro, a grade de ferro, madeiras serradas em bitolas comerciais, papéis de parede, azulejos, telha francesa, telha de ardósia. O tijolo se impôs como material básico de construção em substituição à taipa de pilão. Por todos estes novos materiais, compreende-se “a carreira fulgurante do frentista e o prestígio do artífice italiano, mais aparelhado do que o espanhol e o português na manipulação deste gênero de trabalho” (SAIA, 1995, p.215). Não é, portanto, só uma imigração de mão-de-obra, mas de estilo de vida, de valores estéticos, de jeito de morar e de comer.

Nesses tempos, surgiram a energia elétrica e os bondes, o cinema, o fonógrafo, banheiros de chuva (atualmente, chuveiro), automóveis, jardins públicos e footing, bicicleta e velódromos, telégrafo e telefone. Medidas de higiene pública e privada: propagavam-se sabões de “segura eficácia nas dôres rheumaticas, nevrálgia, queimadura, picadas de animaes venenosos, frieiras, etc” (*Correio de São Carlos*, 2 de dezembro de 1900). Passaram a ser consumidos, arroz estrangeiro e nacional, bacalhau,



9

vinho em quartola, sorvete, gelo e cerveja sempre gelada. Para roupas: cassas, fustões e zefir escocês. Rio e São Paulo, França e Itália passaram a ser referência da roupa de moda, dos perfumes, do bom sapato e do bem comer. A cidade se consome com o olhar, o ouvir, no tato, no gosto e nos cheiros.

Nas fazendas, despoldadores, descaroçadores, ventiladores. Nas cidades, os equipamentos do café. A cidade de Ribeirão Bonito, em município hoje vizinho do de São Carlos, é descrita, em aproximadamente 1930, como um conjunto de equipamentos de café e de outros produtos agrícolas.

Com a estrada de ferro e o telefone era possível um mesmo proprietário supervisionar várias propriedades. Era possível delegar o trabalho da administração e receber relatórios diários nas mansão da cidade, preferencialmente na capital, o centro maior de negócios e mais próximo do poder central.

Ter uma propriedade urbana — uma casa que ficava fechada quase o ano todo — fazia parte do rol dos bens de distinção das elites paulistas desde os tempos coloniais. Tal fenômeno pode ser explicado pelo fato de que na cidade se encontravam os símbolos mais expressivos do poder e do prestígio (MALUF, 1995, p.191).

A capital, pela riqueza produzida pela cultura cafeeira, e, em função de sua posição privilegiada entre o interior produtor e o porto exportador de Santos, se metropolizou. Em 1929, apresentava 900 mil habitantes. A metrópole, portanto, é produto do Interior.

O cultivo mais amplo do café a partir de 1840 e a construção das ferrovias a partir de 1860 coincidiram com a abolição do tráfico de escravos africanos. A partir de 1831, quando o tráfico foi declarado ilegal, o preço dos escravos aumentou. Em 1843, o preço médio de um escravo era de 550 mil réis; em 1880, o preço médio alcançou o valor mais alto: 2.300 mil réis. A partir daí, caiu. Em 1887, às vésperas da abolição total da escravatura, era de 885 mil réis (DEAN, 1977, p.66).

Em 27 de março de 1901, o jornal *Correio de São Carlos* noticiou ter sido “enorme a quantidade de imigrantes” que, nos últimos dias haviam transitado pela cidade:

No dia 24 do andante, por ocasião do trem que, procedente da Capital, aqui chega a 1,29 minutos da tarde, esteve na estação um dos nossos



10

companheiros de trabalho e teve ensejo de calculal-os em numero superior a 120 e quasi na sua totalidade de nacionalidade italiana.

Sobre migrantes nordestinos, o *Correio de São Carlos* noticiou em 7 de janeiro de 1900:

Procedente de Caeteté, estado da Bahia, chegaram ante-hontem a São Paulo, mais duas famílias sertanejas, fugindo aos rigores da fome, que alli passa ha tempo.

Como os seus companheiros de infortunio, essas duas familias compostas de 5 adultos e 10 crianças, fizeram a pé todo o trajecto do estado da Bahia ate a Capital.

Os sertanejos seguiram hontem para Batataes, com passe que lhes foi cedido pelo dr. chefe da polícia.

A imigração atendia aos interesses da ferrovia e essa, com passagens gratuitas aos imigrantes, atendia aos interesses dos fazendeiros, seus acionistas.

Um dos bons serviços por ellas prestados ao Estado e particularmente á lavoura é o transporte gratuito de immigrants e suas bagagens, resolução que espontaneamente tomou a Companhia Paulista em 1882, e foi logo adoptada pelas demais empresas. Nos 33 anos decorridos desta época até ao corrente anno, deram as differentes estradas passagem livre em seus trens, dos quaes muitos formados exclusivamente para esse fim, a cerca de oitocentos mil immigrants, cujo transporte teria custado uns dez mil contos de réis se houvesse de ser pago.

Nem se tem limitado o bello gesto das estradas a transportar gratuitamente para o interior o pessoal immigrant chegado do estrangeiro. Quando, ao rebentar a conflagração européa, toda a vida industrial de S.Paulo como que cahiu em tremenda crise syncopal, deixando sem trabalho innumerous operarios, elevou-se a cerca de 12.000 o numero dos que, de Outubro a Dezembro de 1914, daqui se retiraram para o interior, em busca de melhor sorte, utilizando-se do transporte gratuito que as estradas sollicitamente lhes facultaram (PINTO, 1916, p. 65/66).

Dos migrantes que chegaram a São Paulo, de 1827 a 1940, 23,7% vieram de outros estados, sobretudo do Nordeste; 29,4% da Itália; 13,4% de Portugal; 12,0% da Espanha; 5,8% do Japão (MONBEIG, 1984, p.150). Dos que foram para as fazendas entre 1898 e 1902, pouco mais de um terço foi para Ribeirão Preto, São Simão, São Carlos, Araraquara e Jaú, importantes centros cafeicultores, todos eles no planalto.

A associação café, ferrovia e migração vai dar nova feição ao estado: às fazendas, às cidades, à capital, vale dizer, às relações sociais. Nessa associação, o café se transforma em uma “aventura capitalista” (SAIA, 1995, p.212).



Na nova feição do estado sobressai a diversificação: de gente, de maneiras, de falas, de hábitos, entre os quais alimentares. Filho de migrante italiano, e se sentindo também um pouco italiano por causa da matriz familiar, meu pai, à mesa, sempre procurava reconhecer as origens da comida que comia. Frente à comida, lembrava-se dos migrantes e dizia que uma das grandes contribuições era a diversificação alimentar, que antes o brasileiro só comia feijão, mandioca e farinha. A comida estimulava a lembrança da infância, dos pais. Certa vez, em 1997, isto aconteceu frente a uma melancia servida como sobremesa após o almoço. A melancia lembrou ao meu pai a imigração norte-americana para a região onde está a cidade de Americana. Os norte-americanos vencidos na Guerra da Secessão teriam vindo para cá e trazido a melancia. Próximo a Americana está Louveira, para onde haviam ido alemães e italianos, cidade na qual ele morou quando criança. As recordações associam migrantes a comidas e a lugares. “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rara importância” (GUIMARÃES ROSA, 1988, p.82):

Os alemães cultivavam verduras, uva e figo. Faziam chucrutz em barris. Punham o repolho lá e deixavam azedar. Vinha aquele cheiro gostoso!!! Eles davam chucrutz para minha mãe em bacia. Os italianos cultivavam uva e figo e faziam vinho com os pés. Louveira era perto de Campinas, Jundiaí e São Paulo. Eles mandavam as frutas por trem para essas cidades. Meu pai contava que, na crise do café, não a de 29, uma antes, o fazendeiro chamou a ‘trigada’ e lhes contou que havia perdido tudo. Naquele tempo não tinha caixa nem banco. Os italianos davam o que economizavam para o fazendeiro guardar. E ele perdeu tudo com a crise. Mas chamou a ‘trigada’ e propôs pagar com a terra.

Meu pai veio da Itália como curtidor de couro. Trabalhou com um alemão em São Paulo, Theodor Willi. Ele trabalhava por empreitada. Quando chegava o dia de pagar, o alemão elogiava o empregado que ganhava bastante. ‘Esse é bom’, dizia, ‘ganha para ele e para o patrão.’ O Guariento veio como pedreiro. O Farago como folheiro.

Só no Brasil se come feijão pelo que sei. O milho é da América. Os índios já faziam bebida fermentada do milho. E os italianos, do fubá feito de milho, ensinaram a polenta. Os portugueses, a broa, misturando farinha com fubá.

O bom fubá era feito de milho moído com roda de água. A roda que moía era de pedra, feita em Itu. A roda de água era feita de madeira. O carapina precisava ser muito habilidoso para fazer a circunferência e o último eixo era o principal. Carapina é carpinteiro. O Schmidt fazia muito bem. Peça colada sobre peça e ficava redondinha. O eixo de ferro era feito em Rio Claro. Precisava ver como girava aquela roda!



Em Rio Claro tinha muitos migrantes alemães. Havia os Hilsdorf, os Stein, os Meyer. Em São Carlos predominavam os italianos. Em Louveira, um Hilsdorf foi trabalhar como ferroviário. Estava sozinho, triste. Tinha 17, 18 anos. A Paulista contratava as pessoas e as mandava para onde quisesse. Meus pais acolheram o Hilsdorf. Fizeram amizade com ele. Depois, muito tempo se passou e esse Hilsdorf comprou o cartório de Itirapina. Meu pai foi um dia lá e perguntou: ‘Você não é o Zezinho?’ Ele já havia saído da ferrovia e havia se casado com Dona Olga, de família árabe. Os árabes, no começo, não queriam o casamento. O Zezinho não podia frequentar a casa dos sogros no começo do casamento. Depois tudo mudou porque eles viram que o Zezinho era um rapaz sério.

O fubá feito na roda d’água é mais gostoso do que o feito na moenda movida a eletricidade. A eletricidade esquenta e queima o milho. O fubá de roda d’água não. Sai frio. É mais gostoso.

Quem iniciou o serviço de olaria em Rio Claro foram os alemães. Até hoje as olarias de lá são de descendentes de alemães. De vez em quando a gente vê uma telha velha com o nome deles. Para Itirapina vieram os Wicher. Eles eram ferreiros: fabricavam e consertavam carroças. O Leopoldo Wicher era ferreiro; o Francisco Wicher era carroceiro. Vieram os Lucas que eram comerciantes. O Fisher era fotógrafo. O Fisher depois começou a beber e se tornou um tipo popular na rua.

Em Rio Claro, o Marcelo Schmidt chegou a ser deputado por Rio Claro. Era do PRP, aquele partido que dominava à força. Ele era chefe político de Rio Claro. Acho que era fazendeiro. A colônia alemã de Rio Claro era numerosa. Fundaram o Ginástico, por causa do preconceito. O Clube Filarmônica era da grã-finagem que não permitia que migrantes frequentassem o clube. Os alemães então fundaram o Ginástico; os italianos, a Sociedade Italiana.

Os políticos tradicionais brasileiros não apreciavam a migração, seus costumes, o sistema de comida. A variedade de comida aqui era pequena. Foram os migrantes que a expandiram (Senhor Victório, 87, Itirapina).

Quando eu morava em Campinas, era criança, nos tempos da ferrovia, quando havia a ferrovia, os empregados da Mojiana traziam jacas de 30, 40 queijos de Conquista, no tênder de linha. Era proibido fazer isto. Os inspetores chegavam, olhavam e não viam o queijo porque ele estava no meio da lenha. Assim os empregados ganhavam um pouco mais revendendo o queijo.

Quando o queijo estava curado demais, para usá-lo na macarronada, passava-se nele colorau, para dar cor, pimenta do reino e óleo. Deixava-se o queijo descansar uns dias para enxugar mais. Depois de uns dias estava no ponto de ralar.

Hoje não sei se a Mojiana corre para lá. Antigamente corriam trens a vapor até Uberaba, Itanhandu.

Itanhandu e a Serra de Palmira também tinham queijos famosos. Lá é que se preparava um queijo duro, para macarronada, para sopa. Depois o Rio Grande do Sul começou a produzir o queijo gorgonzola. O queijo gorgonzola era italiano. O queijo gorgonzola ficou célebre pelo mau-cheiro e pelo bolor. A Argentina também começou a produzi-lo (Senhor Victório, 87, Itirapina).

Um novo jeito de ser produz, do milho, original da terra, broas e polentas. Queijos mineiros curados demais, italianizados com colorau, feito de urucu (do tupi



13

uru'ku) que vem do urucuzeiro, misturam-se às macarronadas. Cheirando a chucrutz, a melancia completa a mesa de feijão, farinha de mandioca e carne seca. Feijoada. Marmelada, goiabada, pessegada, figada: quatro em um. E mais: quibe, quindim, puchero, azeite, sorvete, vinho. Coisas da terra e de outras terras. “Uns com os outros” diversos.

Viver se diversifica. Comer é comungar.

Nas entrevistas realizadas, esse mundo, essa unidade que se reconhece pelo corpo e pela memória, se identifica com a cidade. Assim, se a cidade é um lugar e um conjunto de lugares, da cidade, o lugar, por excelência, é o corpo. É a cidade que têm cheiros, sons, sabores, imagens que penetram pelo corpo e se transformam em lembranças. A combinação de cheiros, sons, sabores e imagens é única e assim caracteriza uma única cidade. Além disso, é aquela cidade, e não outra, que teve tais e tais pessoas a circular pelas suas ruas, pelos seus jardins... É aquela cidade e não outra que se identifica por relações determinadas.

O que confere identidade a uma cidade são, portanto, os esperados fatores de individuação: as sensações que penetram pelo corpo, a memória que confere significado às sensações, as lembranças que as reconstróem no presente. É aquela cidade, e não outra, que é constituída por aquelas sensações, por aquelas pessoas, por aqueles lugares, por aqueles encontros. A cidade é extensão do indivíduo. Um e outro são tecidos, pode-se dizer, pelas mesmas representações. Todas as cidades pelas quais os entrevistados circularam tiveram o seu footing, mas é possível descrever o footing de cada uma delas como único, porque as pessoas que se encontravam e as sensações que se produziam naquele footing não eram as mesmas de um outro footing. Ia-se às ruas para se encontrar e para ver determinadas pessoas e isso conferia significado àquele footing e não a outro. Esses significados, que assim eram atribuídos aos lugares constituintes da cidade, conferiam-lhe singularidade.

Na pesquisa referida que deu origem a este estudo, como se afirmou buscou-se o significado da cidade pela memória de velhos moradores, todos nascidos na primeira



14

metade do século XX, trazendo na memória os seus velhos pais que vinham do século XIX. Eram corpos envelhecidos, trazendo já a lembrança da morte ainda não vivida, que determinava a seleção e a atualização do que se lembrava. Todos eles, porém, haviam constituído nas suas vidas, um sólido capital de felicidade que os ajudava a viver os dias difíceis.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio (1971). *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades.

DEAN, Warren (1977). *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. São Paulo, Paz e Terra.

DURKHEIM, Émile (1989). *As formas elementares da vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)*. São Paulo, Paulinas.

____ (1973). *O suicídio. Estudo sociológico*. Portugal/Brasil, Editorial Presença/Martins Fontes.

____ (1991). *A divisão do trabalho social*. Lisboa. Presença.

ELIAS, Norbert (1989). *La soledad de los moribundos*, Mexico,. Fondo de Cultura Económica

_____(2000). *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio. Zahar.

MALUF, Marina (1995). *Ruídos da memória*. São Paulo, Siciliano.

MANCUSO, Maria Inês Rauter (2000) *A cidade na memória de seus velhos moradores*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós graduação em Sociologia, USP, São Paulo.

MAUSS, Marcel (1974). *As técnicas corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP, 1974, vol. II

MONBEIG, Pierre (1984). *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo Hucitec/Polis.

PINTO, Adolpho Augusto (1916). *As estradas de ferro de S. Paulo*. São Paulo, Casa Vanorden.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

15

POLLACK, Michel (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos históricos*, Rio, APDOC, vol.2, n.3.

____ (1992). Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*. Rio, APDOC, vol. 5. n.10

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira (1967). Bairros rurais paulistas. Estudo sociológico. *In: Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. XVII, pp. 63-209.

SAIA, Luis (1995). *Morada paulista*. São Paulo, Perspectiva.

Jornal *Correio de São Carlos*, 2 de dezembro de 1900

Jornal *Correio de São Carlos*, 27 de março de 1901

Jornal *Correio de São Carlo*, 7 de janeiro de 1900